



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

COMUNICANDO O PROCESSO INVESTIGATIVO NA ESCOLA DA INFÂNCIA O DESPERTAR DO HIBISCO

Greice Weber Romero Costa¹

Resumo

Este artigo é parte de vivências realizadas em uma Escola Municipal de Educação Infantil, do município de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. Participaram destes momentos, 15 crianças da faixa etária 3 anos e a professora do grupo. O presente artigo foi construído com base em referencial bibliográfico recente, em que tratam de pesquisa com crianças pequenas tendo como princípios a escuta e olhar do professor, compreendendo estes como essencial na reflexão e análise das coletas de registros e observáveis, para a definição do tema que será investigado e também para a continuidade do processo. Utilizou-se como base teórica os documentos da escola em relação a sua proposta pedagógica metodológica e orientações de assessoria pedagógica construídas por esta instituição a partir de sua participação no OBECI² (Observatório da Cultura Infantil) coordenado pelo Professor Doutor Paulo Fochi³. Nosso objetivo é o de compartilhar o percurso de um projeto de investigação que teve êxito em sua realização, compreendendo que os caminhos percorridos foram através do olhar e inquietude de sua professora que buscava refletir suas ações e questionamentos, dando ênfase ao protagonismo infantil durante as sessões em pequenos grupos, para fazer escolhas dos passos seguintes de cada etapa a ser proposta. Se queremos qualificar esta escuta valorizando as diferentes considerações e compreendendo que cada criança encontra-se em um distinto entendimento sobre o que lhe é proposto, também justifica-se as propostas organizadas. A trajetória desta investigação ocorreu dentro e fora de sala, compreendendo que o quintal da escola, possui ricos e significativos elementos que instigam a curiosidade e a aprendizagem das crianças. Neste sentido, valoriza as vivências diárias cotidianas que são planejadas dentro de um contexto da escola e que

¹ Licenciada em Pedagogia com Habilitação em Supervisão e Administração Escolar (Feevale). Professora na Rede Municipal de Novo Hamburgo, lotada na EMEI Aldo Pohlmann. E-mail: greiceweberr@gmail.com

² OBECI (Observatório da Cultura Infantil), é um grupo composto por cinco escolas, da região metropolitana de Porto Alegre que tem por finalidade reunir alguns professores, bem como seus grupos gestores, para pensar e problematizar os processos investigativos na educação infantil, cujas crenças teóricas estão alicerçadas na pesquisa e na abordagem da documentação pedagógica sendo coordenado pelo Professor Doutor Paulo Fochi.

³ Doutor em Educação na linha de Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares (USP) com bolsa sanduíche (CAPES) na Universidad de Barcelona - UB; Mestre em Educação na linha Estudos sobre Infância (UFRGS) com estágio de missão científica na Universidad Publica de Navarra; Especialista em Educação Infantil (Unisinos), Especialista em Gestão e Organização de Escola (Unopar) e Licenciado em Pedagogia (Unopar). Professor do curso de Pedagogia (Unisinos) e Coordenador e professor do curso de especialização em Educação Infantil (Unisinos).



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

corroboram para instigar a pesquisa e novas descobertas na educação das infâncias. Ao encerrar o semestre, foi entregue uma documentação de todo o processo construído até então, sem que possamos determinar se esta investigação/pesquisa terá continuidade ou será concluída com a entrega deste material.

Palavras-chave: Pesquisa; Professor reflexivo; Educação Infantil; Documentação do processo investigativo.

INTRODUÇÃO

As propostas de pesquisa, tem sido muito discutidas no campo da Educação e especialmente na Educação Infantil, buscando aprimorar e qualificar o trabalho desenvolvido com as crianças.

Para que esse tipo de proposta seja possível, inicia-se enriquecendo as diferentes formas de olhar e ouvir os meninos e as meninas, buscando acompanhar as aprendizagens e interações na escola da infância. Assim, compreendendo os processos de interpretação e construção de conhecimento das crianças em suas particularidades e no contexto de vida coletiva.

Hoyuelos (2007, apud Foch, 2019, p.30) trata da escuta atenta, desta forma de perceber e maravilhar-se com as crianças buscando compreendê-las e reconhecê-las nas suas necessidades.

Escutar é na realidade uma arte para entender a cultura infantil: sua forma de pensar, fazer, perguntar, teorizar. Escutar significa estar atento, com todos os sentidos, para reconhecer todas as linguagens da infância e sua relação com o mundo. A escuta possibilita o assombro, a maravilha, do inesperado e do imprevisto.

E, através desta escuta e de um olhar para além do enxergar de forma superficial, que foi possível dar início a uma potente investigação com um grupo de faixa etária 3 anos.

No decorrer dos primeiros meses do ano, foram proporcionados diferentes contextos, em que o olhar da professora estava diretamente envolvido em procurar nas minúcias do cotidiano, curiosidades ou brincadeiras que contassem com um maior interesse do grupo e instigassem as crianças a querer investigar.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

Realizamos um planejamento de contexto qualificando os espaços, os tempos e as materialidades oferecidas às crianças para que potencializássemos, promovêssemos e evidenciássemos elas neste processo de vida coletiva.

Disponibilizamos o que observamos ser importante e necessário para que as crianças tivessem condições de vivenciar diversas experiências. Tecidos, caixas, materiais de construções, espelhos, tintas e até cubos de gelo foram dispostos dentro e principalmente fora da sala, já que priorizamos o ambiente externo da escola, como local privilegiado para as crianças. Nas palavras de Malaguzzi (1999, p. 90):

Quanto mais ampla for a gama de possibilidades que oferecemos às crianças, mais intensas serão suas motivações e mais ricas suas experiências. Devemos ampliar a variedade de tópicos e objetivos, os tipos de situações que oferecemos e seu nível de estrutura, os tipos e as combinações de recursos e materiais e as possíveis interações com objetos, companheiros e adultos.

Através da participação de nossa escola no OBECI (Observatório da Cultura Infantil) passamos a refletir enquanto grupo e repensar formas mais potentes para que este processo de pesquisa ocorresse com as crianças, trazendo-as como protagonistas e produtoras de conhecimentos, evidenciando suas teorias sobre o mundo que as cerca. Com isso, a professora traçou um percurso investigativo através do que meninos e meninas estavam comunicando, evidenciando sua forma de compreender. Neste sentido, Fochi (2019, p. 171) defende que

O grande propósito da Educação Infantil é criar condições para que as crianças se sintam encorajadas a construir explicações sobre o mundo, e não que sejam receptoras de um saber pronto e acabado. Para isso, o professor precisa aprender a ouvi-las e a restituir os modos como as crianças estruturam seus próprios mapas cognitivos, emocionais e sociais para não ficarem esquecidos ou apenas em nível de decoração. Ao mesmo tempo, é preciso oferecer as condições externas para que as crianças possam tomar iniciativas e encontrar no contexto próximo delas os instrumentos para ajudá-las a nomear, explicar e significar os fenômenos. Logo, “o que importa não é dar valor a alguma coisa, mas, acima de tudo, entender o que há por trás dessas questões e teorias, e o que há por trás delas é algo verdadeiramente extraordinário” (RINALDI, 2012, p. 206).

DESPERTANDO O OLHAR PARA A VIDA COTIDIANA DAS CRIANÇAS



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

Após propostas realizadas com o grupo em questão onde o objetivo era conhecer e explorar, brincadeiras livres e momentos conduzidos em pequenos e grandes grupos, obtivemos uma ampla coleção de observáveis (fotos, vídeos, escritas, mini-histórias, relatos, desenhos, ...) para análise e posterior reflexão de quais elementos estavam evidenciados nos registros feitos até então.

Percebeu-se diversas ocasiões em que as crianças buscavam na natureza, elementos para suas brincadeiras. A fim de torna-los visíveis, cabe citá-los nas descrições a seguir, narradas pela professora.

CENAS QUE REVELAM...

Cena 1 - Gabriel, uma criança do grupo, chega na escola repetidas vezes trazendo consigo algumas flores colhidas do jardim de sua casa, ou mesmo das calçadas por onde passa, para presentear as professoras. Ao receber a flor, num gesto de dar importância e significado à ação dele, “plantei” a flor num pequeno vaso enfeitando a cozinha da nossa sala e disse:

- “Olha Gabriel! Tua flor vai ficar enfeitando a mesa”.

Em pouco tempo, brincando naquele espaço deixaram a flor cair e sem perceber, pisaram em cima, causando um pouco de tristeza em algumas crianças que presenciaram a cena, especialmente ao Gabriel.

Em outro momento, ao receber a flor, e procurando não repetir o ocorrido da vez anterior, a coloquei em meu cabelo, dizendo que eu usaria para enfeitá-lo. Recebi como retorno um sorriso de alegria do Gabriel.

Algumas crianças, ao me verem com uma flor presa ao cabelo, ficavam intrigadas e me questionavam o porquê de eu estar usando-a. Devolvia-lhes a pergunta e eram unânimes em me responder que ficava mais bonito o meu cabelo com a flor.

Com isso, muitas vezes no quintal da escola, as crianças traziam até mim flores colhidas ali mesmo, para que enfeitasse o meu cabelo novamente. “Olha profe! Para tu colocar no cabelo!”

Cena 2 - Em diferentes propostas e brincadeiras no nosso quintal, as crianças frequentemente procuram por folhas caídas, plantas e flores para compor suas criações.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

Isso é evidenciado através de diversos registros fotográficos coletados. Como por exemplo:

*Perguntei para Gabriel o que ele estava fazendo quando o avistei preparando algo em uma panela em que fazia o uso de elementos naturais e me respondeu: “um bolo de flores e carambolas”.

*Acompanhei Amanda preparando uma saborosa “sopa cheia de florzinhas verdes”.

*Ao presenciar algumas meninas brincando no quintal, me aproximei para ouvir do que se tratava a brincadeira e as mesmas estavam a pegar folhas verdes, dizendo ser “flores”, para fazer suas “comidas”.

*Ana Luiza, ao explorar a massinha de modelar, me pediu para pegar “uma flor para deixar mais bonita” sua produção.

Cena 3 - Larissa, fotografei em uma sequência de momentos de admiração a uma flor que ela encontrou no chão. Escrevi uma mini-história referente ao meu olhar sobre o que pude perceber ao ver esta cena.

Os “achadouros” do meu quintal... Encontros e encantos



Caminhando pelo quintal, Larissa olha a sua volta, desloca-se de um lado até o outro lentamente e faz poucas e silenciosas paradas durante seu percurso. Num primeiro instante, podemos pensar que está a procura de alguma amiga ou de algo que lhe convide a brincar.

Nos minutos seguintes, observando atentamente as suas ações, Larissa vai nos dando a certeza de que está a admirar tudo que a rodeia, percebendo cada um dos pequenos detalhes que a natureza lhe oferece para brincar neste espaço.

O som dos passarinhos, a areia sequinha, o labirinto natural de plantas verdes, as pedras do lago das tartarugas, as árvores floridas ou as frutas que vem com as diferentes estações trazer sabores aos nossos dias.

De repente, abaixa-se para pegar uma flor que estava caída ao chão.

Larissa a pega, segura firme com as duas mãozinhas, cheira, acaricia as suas pétalas, demonstra-se encantada com seu “achado” e continua seu passeio pelo quintal, sem soltar a florzinha.

Assim, naquela linda tarde de sol, nosso olhar iluminado enxergou a beleza do encontro e do encantamento entre Larissa e a flor... E daquele dia em diante, nenhuma delas foi vista sozinha novamente pelo nosso quintal.



EMEI Aldo Pohlmann | Texto e Imagens Greice Weber R. Costa | Criança: Larissa Aquino da Silva / Março - 2019

Figura 1. Encontros e encantos da mini-história.

REFLETINDO SOBRE OS OBSERVÁVEIS

Com este material em mãos, observando-os e relendo-os, buscou-se refletir sobre algumas questões trazidas. Na primeira cena relatada, percebe-se que as crianças demonstram sentimentos em relação a importância que o adulto dá a suas ações. A forma como a professora acolhe as flores de Gabriel, ou quando o grupo percebe a atenção dada ao “presente” dele, despertam um desejo das outras crianças em gerar a mesma reação na professora em relação a eles quando buscam flores no quintal para que dê a mesma importância.

O sorriso ou a tristeza frente a estes gestos de cuidar ou pisar a flor, demonstradas pelas crianças também representam um conhecimento delas no que tange aos cuidados



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

com este ser vivo e mais uma vez implicam do cuidado com o eu e com o outro, do eu com o mundo, tão necessários nas relações de convívio e evidenciados no documento da Base Nacional como um campo de experiência:

É na interação com os pares e com os adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida. (...)

(...) Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos. (BRASIL. BNCC, 2017, p. 38)

Nos relatos seguintes, através das cenas descritas 2, em que as crianças utilizam deste elemento da natureza para compor suas brincadeiras no quintal, buscou-se compreender o porque de fazerem o uso das flores como sendo “comidinhas”. Algumas vezes justificavam de que era usada “para deixar as coisas mais bonitas”. Mas, permanecemos refletindo a relação deste conceito de beleza criado no diálogo entre elas. Todavia, num período em que se repensa todo cuidado com o meio ambiente, de relação com a natureza e se reforçam hábitos mais sustentáveis na sociedade, não poderia ser mais natural que as crianças quisessem trazer esses elementos ao nosso dia a dia. E assim, Barros (2018) contribui quando acrescenta que

A primeira coisa que pensamos quando falamos sobre inserir experiências naturais no dia a dia escolar é que é preciso ter muito espaço físico e recursos naturais diversos. Entretanto, várias experiências nos mostram que basta ter um pouco de criatividade, iniciativa e um novo olhar – no qual o brincar e o aprender na natureza são essenciais e possíveis - para empreender verdadeiras mudanças no sentido de desemparedar as crianças. (p. 49)

Na cena 3, com a imagem da mini-história, novamente ressoa a importância e a admiração frente ao elemento da natureza. Uma contemplação à flor e sua beleza.

E assim, foi-se percebendo que as flores faziam e fazem parte do cotidiano das crianças deste grupo. Além de utilizá-las como um “presente” ou uma demonstração de carinho, frequentemente estes buscam as flores para colorir e compor suas brincadeiras e enfeitar suas infâncias.

Diante disso, a intenção desta investigação se deu através do propósito de aprimorar as relações entre adultos e crianças e também entre elas mesmas, buscando o



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

acolhimento aos diferentes sentimentos e a criação afetiva de vínculos. Fatores determinantes nas relações para que a criança se sinta segura e disponível para as propostas entre pares e conseqüentemente perceba suas possibilidades.

Também através desta investigação, buscou-se auxiliá-las neste processo de inserção delas a natureza, aproximando-as e criando hábitos de cuidados e cultivos.

Esta investigação tem também como proposta explorar detalhadamente as teorias provisórias das crianças de modo a ampliá-las/detalhá-las.

As crianças procuram construir teorias para explicar os acontecimentos que passam a perceber no seu entorno. Constroem teorias, como afirma Rinaldi (2012), ou seja, criam uma explicação plausível sobre algum fenômeno ao mesmo tempo que reconhecem sua provisoriade e colocam sob negociação com seus pares e com os adultos. (...) Nesse sentido, concordo com Rinaldi (2012, p. 205) que “os sentidos que as crianças produzem, as teorias explicativas que elas desenvolvem na tentativa de encontrar respostas são da máxima importância, pois revelam, de maneira vigorosa, como percebem, questionam e interpretam a realidade e seus relacionamentos com ela.” (FOCHI, 2019, p.171)

Foi assim que inserimos as flores do nosso quintal como objetos a serem investigados pelas crianças.

QUESTIONAMENTOS QUE NORTEIAM O PERCURSO

Após observar os fatos e refletir sobre eles, algumas perguntas importantes num âmbito operativo vão nos auxiliando no percurso. Em determinados momentos desta trajetória, rebuscamos as mesmas a fim de seguirmos nossas proposições iniciais. Neste processo investigativo, aqui relatado, os questionamentos que determinaram este início de pesquisa foram:

*As relações entre adulto X criança, Criança X Criança e Criança X natureza como estão sendo percebidas, acolhidas e trabalhadas na escola?

*Porque as crianças escolhem este elemento natural do quintal da escola para compor suas brincadeiras?

*De que forma o espaço contribui para a investigação das crianças?

*Como as crianças criam a teoria sobre a importância das flores e o sentimento que desperta nas pessoas?



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

*Quais são os conhecimentos que as crianças já possuem referente as flores?

*Que perguntas o adulto pode fazer para ajudar a criança a perceber suas teorias e ideias sobre as flores e os cuidados com as mesmas?

Com estas questões em mãos, foram sendo pensadas cada uma das sessões que ocorreram em pequenos grupos. E a partir dos retornos, da coleta de teorias provisórias das crianças, os rumos da pesquisa foram sendo traçados e evidenciados cada uma das “verdades” trazidas pelo grupo. Importante destacar o quanto as escolhas do professor e mais uma vez a escuta atenta, são essenciais em todo este trabalho investigativo, para que possa sempre vir ao encontro daquilo que parece ser importante para a construção da aprendizagem destes meninos e meninas.

INICIANDO O PROCESSO INVESTIGATIVO

Iniciamos levando para sessões em pequenos grupos, duas espécies: hibisco e tumbérgia azul.

As crianças ficaram admiradas com as flores e algumas, inclusive, mesmo vendo-as pelo chão do nosso quintal, não reconheciam que as mesmas caíam das árvores.

Com lupas, microscópios, endoscópios e materiais de pesquisa, fomos conhecendo e descobrindo algo de muito interessante acontecendo com as plantas observadas e percebendo importâncias com os cuidados das mesmas, pois num geral, as crianças reconheciam que as flores necessitavam de água para sobreviver e junto a essas descobertas, faziam comparações entre as necessidades das mesmas e os cuidados consigo mesmo, entre o abrir fechar das flores, com o seu acordar e dormir, e assim relacionavam os tamanhos das mesmas com sua própria família, apontando as flores menores como sendo as filhas, outras maiores, as mães e assim por diante... O que chamava muita a atenção da professora que aproveitava destes momentos para conversar também sobre os sentimentos das crianças em relação as vivências diárias na escola e na família.

Selecionamos a flor de hibisco para continuarmos a nossa pesquisa. A cor rosada ou avermelhada (segundo as crianças iam identificando-as), o seu tamanho, os apontamentos do grupo, chamavam os olhares especialmente para ela e com isso, passamos a explorar o hibisco de forma mais intensa.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

Muitas flores foram disponibilizadas, novamente com materiais de pesquisa, vídeos, diferentes formas de registros, cores, formas de representações gráficas, entre outros elementos. Vimos elas abertas, bonitas, outras murchas, alguns brotos, despetalamos as flores, percebendo cada uma de suas partes, buscando assim, compreender suas importâncias para o todo da planta.

Foi oferecido para as crianças um chá de hibisco, mostrando o quanto a nossa flor é especial e que além de ser bonita contribui para a saúde das pessoas. Acompanhamos juntos a secagem de algumas pétalas que havíamos explorado e percebemos que houve transformações de cor, de textura, de forma, de tamanho... utilizando de alguns hibiscos comprados como chá seco, preparamos o nosso “chazinho”, percebendo que a água, translúcida recebia a cor rosada.

E neste clima quentinho de relações fomos permeando nossos dias de muitas investigações gráficas em torno da flor em questão.

Os traços foram cada vez ficando mais precisos e cheios de detalhes, que muitas vezes, nem mesmo nós, adultos, percebemos ao observar um objeto ou planta.

A figura abaixo, mostra a evolução do olhar de Sofia ao observar e registrar graficamente a flor de hibisco. Ao longo das sessões foram disponibilizados diferentes materiais riscantes que buscavam auxiliar na qualificação deste registro:



Figura 2. Registros gráficos de Sofia

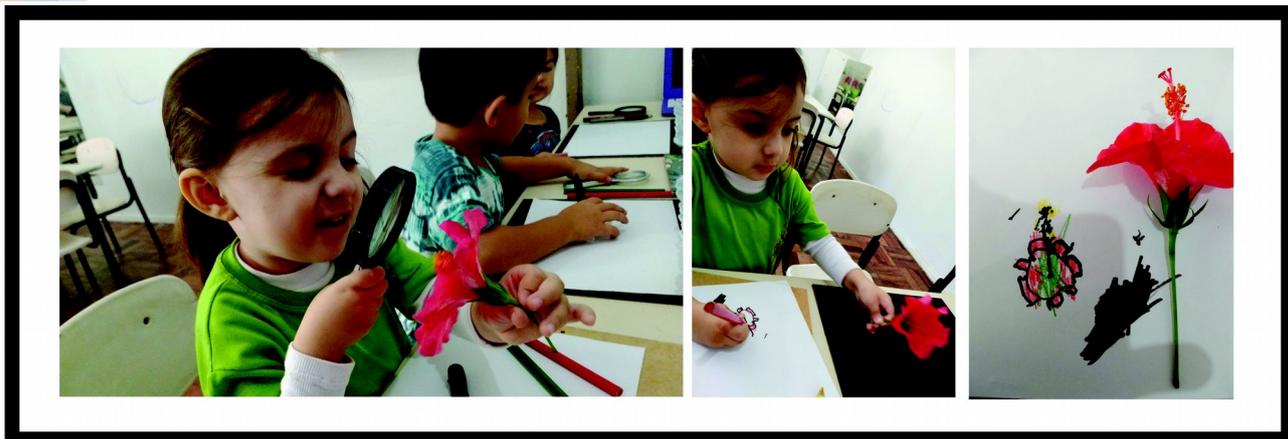


Figura 3. A investigação de Sofia para seus registros gráficos

Para seguirmos na nossa pesquisa, resgatamos todas as teorias provisórias das crianças apontadas nas diversas sessões que realizamos, alguns de seus registros gráficos em relação ao hibisco e as flores de um modo geral, para retomarmos o que permanecia sendo suas curiosidades e interesses. Percebemos então, que as mesmas falas já trazidas, repetem-se confirmando suas hipóteses.

TORNANDO VISÍVEL OS CAMINHOS PERCORRIDOS

No percurso da investigação, restitui às crianças a forma que aprendem e não somente o que estão aprendendo. Para isso, foi necessária uma escuta ativa, intencional, a fim de dar novos significados as aprendizagens já construídas. Na sala referência o ambiente foi planejado para evidenciar o percurso das crianças que ali habitam, com suas criações e teorias da investigação que está sendo proposta. Tornar visível essa aprendizagem para as crianças e famílias é valorizar e respeitar essa trajetória tão significativa. Nesta perspectiva, dialogamos com Fochi, 2019, quando orienta que

A oportunidade de restituir a ação educativa a partir de um conjunto de registros, frutos de observações (que preferimos chamar de observáveis), ajuda a propor situações de aprendizagem que não pareçam um acúmulo de situações distintas e desconexas. Ao contrário, devem ter continuidade e conectividade, proporcionando às crianças contextos em que possam aprofundar e investigar potencialmente. Não podemos apenas falar de uma criança competente, é preciso saber criar ambientes que acolham sua potência. (p.214)

Assim, como apresentado nas figuras que seguem (4 e 5), foram organizados espaços na sala de pesquisa permanente, em que estavam expostas as teorias das crianças juntamente com o registro gráfico que criavam ao fazer suas afirmações. Neste espaço, além de algumas vezes terem flores de hibisco colhidas pela professora, também eram disponibilizados livros informativos, lupas e em uma bandeja de espelho, colocadas todas as flores de hibisco que as crianças coletavam no quintal, caídas ao chão, para que pudessem ser exploradas e manuseadas a qualquer tempo.



Figura 4. Um espaço que convida ao registro gráfico



Figura 5. Um espaço permanente de pesquisa



Figura 6. A frente da sala informando as riquezas das pesquisas que estão ocorrendo por ali.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

A figura acima (6) nos convida a entrar neste processo investigativo, percebendo o que adentra ao espaço. Nos galhos secos encontrados no quintal, foram penduradas pequenas folhas verdes com fotos das crianças em sessões, pesquisando, observando com lupas, registrando, entre outras imagens contendo um pouco do que estamos vivenciando no grupo.

Tudo o que era afirmado pelas crianças, ganhou espaço nas paredes da sala, criando uma documentação visível.

Porém, além das “certezas” relatadas, existem algumas “incertezas” verbalizadas por elas as quais a professora escolheu dar maior ênfase. Dentre elas, o fato de que a maioria das crianças desconhecia que a flor de hibisco desenvolve-se numa árvore e é parte dela e assim, necessita do solo também para sobreviver e não somente de “água no vasinho” como todos relatavam.

Passamos a observar a árvore de hibisco, admirando-a, passando as mãos nela, pegando em seu troco, sentindo as texturas e a força de cada uma das suas partes e assim refazendo nossos registros gráficos, compreendendo a flor como parte de um todo. Utilizamos nesta proposta tinta guache e as cores disponibilizadas foram nas tonalidades encontradas na árvore, o que fez com que cada criança pudesse atentamente perceber também estas cores da natureza.

Nossa pesquisa foi ganhando novos elementos, já que iniciamos a pensar em algo maior, como a árvore do hibisco e iniciamos um processo de nos reconhecermos também como esta árvore, já que temos necessidades semelhantes destacadas pelas crianças, como a fome, a sede e a própria sobrevivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante nossa pesquisa, percebeu-se o envolvimento e entusiasmo das crianças que diariamente buscavam dentro da sua jornada as flores e os elementos da natureza para compor suas narrativas para além do que era planejado.

Em muitos momentos em que estavam brincando no quintal da escola, ou dentro da sala, chamavam a professora para “comprovar” suas teorias. Um exemplo, foi Rafael Rosa, que afirmou em uma sessão, que “a flor come moscas” e no quintal chamou para mostrar o que segundo ele era uma flor comendo a mosca pois a mesma estava pousada



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

dentro dela. Assim, ocorreu com várias crianças que sentindo-se potentes e seguras de suas afirmações, encontravam e observavam em diferentes contextos e elementos que lhes eram ofertados (fotos, vídeos, lupas, multimídia, endoscópios, microscópios, livros informativos e inclusive a própria flor e sua árvore presentes no quintal) a materialização do que teorizavam.

Nem todos os questionamentos iniciais e norteadores desta investigação foram sendo respondidos, mas todos foram sendo retomados e contemplados ao longo deste semestre através da pesquisa, ou mesmo do planejamento de contexto realizado inicialmente e também da vida cotidiana em movimento, sempre muito refletida e debatida com a coordenação pedagógica.

Os rumos que nossa investigação está tomando, vem sendo muito rico, assim como toda a nossa vivência cotidiana, mas onde vamos chegar ainda é desconhecido para todos o que deixa a chama da curiosidade acesa e a vontade de aprender e conhecer mais e mais.

Enfim, é tempo de encerrarmos um semestre sem reprogramarmos um próximo, pois assim como as flores não se antecipam do que as esperam, também estaremos desfrutando com tempo de cada um dos nossos momentos.

Somente temos a certeza de que o que plantamos, colhemos. E assim, com a certeza de que sementinhas de muita alegria, curiosidade, interesses, encantamentos e cuidados foram plantadas em cada criança do nosso grupo, sabemos que poderão, elas mesmas colher estes frutos no seu futuro, tudo a seu tempo.

Encerrando o semestre, entregamos a documentação de todo o percurso realizado até o momento em torno desta investigação, junto a um pequeno kit para lançar o desafio da plantação de uma árvore com a família.

Desde a preparação do vasinho, com a terra preta, o ato de adubar, semear, colher... As famílias terão o cuidado diário em regar, o saber a medida certa de água e de sol, a espera pelo ciclo do grão, a surpresa do nascimento (ou crescimento), e depois os brotos que vão nascer dali, e a colheita... todo este processo descortinando a força dos processos da natureza.

Enquanto as plantas, os jardins e as hortas crescem, em casa e nas escolas, crescem também as crianças. Quanto mais semearmos essas sementinhas, sejam as de



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

verdade e aquelas impregnadas de sentimentos relacionando ao ciclo de vida de nossas crianças, mais elas crescem fortes e bem adubadas.

Enfim, daremos neste segundo semestre, início a um novo ciclo, sem perdermos as riquezas conquistadas até aqui.

REFERÊNCIAS

BARROS, Maria Isabel A. Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

FOCHI, Paulo Sergio. A documentação pedagógica como estratégia para construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil - OBECI / Paulo Sergio Fochi; orientadora Mônica Appezzato Pinazza. São Paulo. 2019

FOCHI, Paulo Sergio. Mini-histórias: Rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil – OBECI. Porto Alegre. 2019.

HOYUELOS, Alfredo. La estética em El pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi. Barcelona. Ediciones. Octaedro, 2007.

MALAGUZZI, L. História, idéias e filosofia básica. In: EDWARDS, et al. As Cem Linguagens da Criança – A abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.